



O trauma cultural: ressonâncias literárias irlandesas. DE IZARRA, Laura. P. Z. São Paulo: FFLCH/USP, 2020.

Gisele Giandoni Wolkoff

Universidade Federal Fluminense (UFF)

E-mail: gwolkoff@gmail.com

Solange Viaro Padilha

Centro Universitário Santa Cruz de Curitiba (UniSantaCruz)

E-mail: professorasolangeviaro@gmail.com

A importância de investigar os eventos traumáticos em toda a sua amplitude é a proposta do ensaio de Laura Patricia Zuntini de Izarra, intitulado *O trauma cultural: ressonâncias literárias irlandesas*. Publicado em edição bilíngue (português e inglês) e prefaciado por Munira Hamud Mutran, o estudo traz alguns conceitos fundamentais para o entendimento do trauma cultural.

Desenvolvidos por renomados críticos ao longo de algumas décadas, os conceitos são empregados com maestria por Izarra, que ilustra seus argumentos por meio da análise de três obras distintas que destacam momentos traumáticos para diferentes comunidades. Com grande versatilidade, a autora parte de diferentes gêneros narrativos para sua aprofundada leitura acerca do trauma cultural: um poema, um diário e alguns monólogos.

O poema “Los niños mártires de La Vitícola”, de Santiago Boland, está diretamente ligado à diáspora (1847-1900) decorrente da Grande Fome. Boland narra momentos trágicos da colonização da região de Bahía Blanca pelos imigrantes irlandeses que chegaram à Argentina em 1889. Doenças, frio e fome dizimaram inúmeras vidas e deixaram marcas indeléveis na comunidade.

O segundo texto analisado, o *Diário da Amazônia de Roger Casement*, organizado por Laura P. Z. Izarra e Mariana Bolfarine, resgata os escritos do cônsul-geral britânico, o irlandês Roger David Casement (1864-1916), quando de sua missão diplomática na região do Putumayo, por volta de 1910. Encarregado de averiguar o tratamento dado aos indígenas na exploração da borracha pela Peruvian Amazon Company, Casement testemunha os maus tratos impostos aos nativos. Estes eram submetidos a diversas formas de violência, bem como ao trabalho escravo. O diário produzido por Casement revela as atrocidades cometidas pela

opressão colonial, constituindo um valioso registro do trauma coletivo vivido pelos indígenas da região.

O terceiro conjunto de narrativas estudadas por Izarra abrange os monólogos que fazem parte do projeto *Signatories*; eles foram escritos por oito conhecidos autores para a celebração do centenário do Levante da Páscoa. Os textos referem-se aos sete signatários da Proclamação da República: Éamonn Ceannt, Padraig Pearse, Thomas J. Clarke, Sean MacDiarmada, Thomas MacDonagh, Joseph Mary Plunkett, James Connolly, além da jovem Elizabeth O’Farrell que, embora tenha tido um papel significativo na revolução, não chegou a ser executada.

O diretor teatral Patrick Mason alinhavou os monólogos, cuja temática é “[a] execução dos líderes de 1916 [,] um acontecimento histórico traumático para o povo irlandês” (p. 37). Sob o comando de Mason, a encenação dos textos deu-se na antiga prisão denominada Kilmainham Gaol, hoje tornada museu, mas que foi espaço de detenção e palco da execução dos revolucionários de 1916. Os acontecimentos traumáticos que se deram no local conferem-lhe a aura de *lieu de mémoire*, na expressão de Pierre Nora.

O monólogo que abre a sessão de *Signatories* é justamente o de Elizabeth O’Farrell, cuja voz “representa o ato de rememoração e reflexão de quem reconhece a dádiva de continuar com vida, porém com a carga da culpa de ter sobrevivido à rebelião” (p. 40). Seu trauma pelas experiências vividas supera a esfera individual e alcança a esfera pública, tornando-se parte intrínseca da memória coletiva do Levante. O poético desfecho do monólogo, no qual O’Farrell reflete sobre sua vida, sua condição e o peso das memórias que carrega por décadas após o acontecimento traumático, é citado e discutido por Izarra. Para a autora, “[o] peso da memória como uma lápide sobre sua cabeça’ será a responsabilidade ética de narrar para as gerações futuras o que ela testemunhou” (p. 41).

O trauma cultural: ressonâncias literárias irlandesas aponta para a importância da história, da memória e do exame da repercussão do trauma cultural ao longo das mesmas. A autora fala em “memória multidimensional” e ao fazê-lo abre caminho para os comparativismos e os efeitos da elaboração do “trauma cultural transnacional”. Também o livro revela a importância da representação do trauma para que as novas gerações possam tomar ciência da sua história e transformar o presente. E o silêncio? Silêncio eleito como estratégia de perpetuação da memória? Ainda, possível? (em outros contextos, sim, não no irlandês!). Como é possível falarmos em “trauma cultural global”? Ao nos reportarmos a

outros casos, como o dos refugiados, tão em evidência nos dias atuais, podemos ter uma ideia da relevância de discutir e pensar criticamente o trauma cultural, seja a partir de suas representações artísticas, seja no viés do compromisso intelectual proposto por Izarra. Seu olhar sinaliza o caminho para leituras críticas sobre representações do trauma, a fim de que a memória, a história e as identidades sejam o cerne do desenvolvimento das sociedades.

Neste sentido, podemos dizer que o texto também revela o importante papel dos intelectuais, assim como dos artistas na reconstrução das identidades nacionais e transformação de trauma. Quais os limites das leituras intelectuais (críticas) de obras artísticas sobre trauma cultural? Se as obras inspiram o exercício multidimensional da memória, relê-las de uma perspectiva ou outra significa responder a mediações agenciadoras particulares. Afinal,

... lembrar é um ato moral e ético, e se torna uma obrigação acessar a memória coletiva para questionar as transformações da identidade nacional. O ato de representar uma memória inicia um processo discursivo de reconstrução de uma versão do passado e de uma forma de olhar. Esse discurso não tem como objetivo oferecer verdades literais acerca desse passado, mas verdades metafóricas que funcionam como comentário ou contradiscursos à narrativa tradicional da história. (p. 49)

A escolha de Izarra por pontuar seu texto com esculturas do artista irlandês Rowan Gillespie (1953 -) funciona também como um comentário que sublinha a dimensão do trauma cultural representado em cada obra. Imagens dos memoriais *Famine* (Custom House Quay, Dublin) e de sua contraparte *The Arrival* (Ireland Park, Toronto, Canadá), além de *Proclamation* (significativamente situado em frente à Kilmainham Gaol, em Dublin) e *Looking for Orion* (Clonlea Studios, Dublin) trazem densidade à narrativa. Por meio das inquietantes esculturas de Gillespie, é possível perceber quão profundamente esses traumas estão arraigados na alma irlandesa, tanto na Irlanda propriamente dita quanto na diáspora.

Duas das imagens (p. 24) que ilustram a sessão intitulada “O Caso Dresden” chamam a atenção por sua aura de abandono e solidão. Uma delas traz a placa indicativa de La Vitícula, localidade que recebeu centenas de imigrantes irlandeses no final do século XIX, empreendimento fadado ao insucesso. A outra fotografia registra a velha estação ferroviária, há muito abandonada. Esta parece denunciar a tentativa de apagamento e esquecimento do importante fato da memória local, qual seja, as agruras enfrentadas pelos colonizadores irlandeses, submetidos ao descaso e à falta de estrutura e de cuidados básicos de saúde e saneamento. Dificuldades financeiras e de adaptação ao clima, aliadas às condições precárias

a que foram sujeitados, ceifaram muitas vidas – especialmente dos filhos dos imigrantes – e acabaram por inviabilizar sua estada na região. Até hoje, é impossível avaliar a extensão do trauma cultural vivenciado pelos colonos irlandeses em La Vitícola.

Em sua maioria, as imagens da sessão intitulada “A violência do império no além-mar: Roger Casement e o Putumayo” tanto registram práticas culturais quanto denunciam os maus tratos perpetrados aos indígenas que trabalhavam para a Peruvian Amazon Company na exploração da borracha. Ao integrar duas mídias distintas, o texto escrito e a fotografia na sua materialidade (seja a fotografia de uma obra de arte, de um recorte de jornal ou de uma paisagem), Izarra lembra ao leitor o fato de que a arte, em suas diferentes vertentes (literatura, teatro, escultura, fotografia) é um poderoso instrumento de denúncia e de rememoração.

As narrativas analisadas por Izarra – o poema de Boland, o diário de Casement e os monólogos do projeto *Signatories* – são monumentos feitos de palavras. De modo semelhante aos *lieux de mémoire*, configuram espaços da recordação e remetem àqueles que se sacrificaram ou foram vitimizados quando em busca de novos horizontes. Como diz a letra da canção de Con O’Connell, “Ireland Park - Hallowed Ground”, ao se referir aos imigrantes que, para escaparem da Grande Fome, enfrentaram o mar e aportaram no Canadá: “Their agony recorded now / Forgotten never more / Tread soft upon this hallowed ground / Honour those who walked before”¹.

Ao enfatizar a relevância dos artistas e intelectuais na preservação da memória e na ressignificação da realidade, Izarra ilumina diversos aspectos da história e da diáspora irlandesas. Seu ensaio revitaliza o campo fértil da teoria sobre o trauma e sugere leituras críticas em qualquer sociedade do mundo pós-estruturalista. Com apurado senso estético e um olhar analítico, ainda mais importante em tempos globalistas, a autora responde à demanda de integração entre a teoria e a prática do pensamento sobre o trauma cultural. Seu texto-denúncia registra a saga e honra profundamente ‘those who walked before’, servindo de exemplo às próximas gerações.

REFERÊNCIA

DE IZARRA, Laura. P. Z. **O trauma cultural: ressonâncias literárias irlandesas**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UFQLbcIRIHM>. Acesso em: 21 abr. 2021.

